

Conjugalidades, sentimento amoroso e sexualidades¹

Ana Nunes de Almeida²

Ideias à partida...

A construção histórica da representação da família conjugal moderna no Ocidente europeu faz-se na encruzilhada de três processos: sentimentalização, privatização e individualização. Entre os ingredientes desta nova receita, contam-se a primazia dada aos afectos no desenho do cenário familiar (Ariès 1960; Kaufmann 1993); a delimitação do espaço próprio da casa, distinto do universo público, cada vez mais afastado das “amarras tradicionais” (Shorter 1976); a prioridade dos valores da realização e felicidade individuais (Stone 1977) ou mesmo dos da “descoberta de si”; (de Singly 2000), sobre os do imperativo institucional e a continuidade da ordem familiar; a importância da qualidade intrínseca do compromisso conjugal, construído a dois, relativamente à razão instrumental e à pressão da malha do parentesco (Torres 2001).

A este movimento junta-se um outro, vindo do lado das relações de género. Ganham força e visibilidade públicas os valores da igualdade e da paridade, e, num contexto de oferta de contracepção eficaz, emerge uma nova representação do corpo e o reconhecimento da sexualidade como instrumento de realização recíproca, para homens e para mulheres (Giddens 1996; Vilar 2003). Está assim aberto o caminho para a dissociação e gestão à la carte, por parte dos casais ou dos indivíduos, de domínios cruciais da sua vida familiar, outrora indissociavelmente ligados entre si, como a fecundidade, a sexualidade e a conjugalidade.

Esboçado o pano de fundo teórico, esta comunicação tem por objecto a relação entre dois desses domínios: o início da actividade sexual e a entrada na conjugalidade, no universo português das mulheres em idade fértil. Nela procura-se apresentar alguns perfis-tipo que actualmente ilustram as modalidades de sobreposição ou desencontro entre ambos e mostrar que a sua diversidade não se organiza socialmente ao acaso. Parte-se de dois tipos de dados: informação estatística recolhida no Inquérito à Fecundidade e à Família (IFF-INE 1997); informação qualitativa proveniente de 150 entrevistas em profundidade a mulheres portuguesas entre os 15-49 anos de idade.³

¹ Esta comunicação baseia-se em resultados de um projecto de investigação que coordenei sobre Planeamento Familiar e Saúde Reprodutiva das Mulheres portuguesas, financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia – Praxis XXI (PCSH/SOC/121/96) e fruto de uma parceria científica entre o ICS e a APF. Faziam também parte da equipa Duarte Vilar, Isabel André e Piedade Lalande.

² Investigadora do Instituto de Ciências Sociais/UL (ana@ics.ul.pt).

³ Para uma abordagem mais detalhada e completa consultar: A. Nunes de Almeida, D. Vilar, I. André e P. Lalande. *Fecundidade e contracepção – percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (no prelo).

Um brevíssimo retrato em números...

O IFF apurou informação relativa às idades de cada mulher⁴ no momento da primeira relação sexual e no da primeira conjugalidade (quer se trate de uma união de facto ou de um casamento). Podemos então comparar as duas e retirar algumas conclusões sobre as modalidades actuais de articulação entre "sexualidade activa" e "co-residência do casal".

Quadro n.º 1 - Idade à 1.ª relação sexual segundo o grupo etário na actualidade, Portugal 1997 (% de mulheres)

Idade à 1.ª relação sexual	Idade actual			
	15-24	25-34	35-49	Total
14 ou menos	2,3	2,4	1,5	2,1
15-17	20,1	22,7	16,3	19,6
18-19	15,7	28,2	23,7	22,5
20-24	8,6	32,7	43,0	28,2
25-29	0,0	5,5	8,9	4,8
30 ou mais	0,0	0,2	2,3	0,9
Ainda não teve relações sexuais	53,4	8,3	4,3	21,9
Total global	100,0	100,0	100,0	100,0

INE, Inquérito à Fecundidade e Família, 1997 – base de dados.

A idade à primeira relação sexual não é muito diferente nos vários grupos etários considerados (ver quadro n.º 1); contudo, e se considerarmos apenas as franjas de mulheres com 25 ou mais anos (em que a esmagadora maioria já é/foi sexualmente activa), notamos uma tendência para uma maior precocidade da iniciação sexual entre as mais jovens. Por outro lado, e em sentido oposto, atrasa-se muito expressivamente a idade de entrada na primeira conjugalidade nas gerações mais novas (cf. quadro n.º 2): enquanto 73% das inquiridas mais velhas o fizeram até aos 24 anos, a percentagem equivalente é de 63% para aquelas cuja idade se situa entre os 25 e os 34 anos.

O quadro n.º 3 apresenta o peso das diferentes modalidades de articulação entre a primeira experiência sexual e a primeira conjugalidade. Na população feminina considerada no seu todo, verifica-se que metade viveu o desfaseamento entre os dois momentos.

O efeito de geração é relevante: quanto mais novas, maior é a parcela de mulheres que se tornaram sexualmente activas antes de casarem: 41% entre as de 15-24 anos (num conjunto que corresponde a 46% que já tiveram uma relação sexual), 64% para os 25-34, 43% para os 35-49 anos.

⁴ Ao contrário de Inquéritos anteriores (dirigidos apenas a mulheres casadas entre os 15-49 anos), a amostra do IFF-97 contempla mulheres em idade fértil, independentemente do seu estado civil ou situação na conjugalidade; inclui, também, homens em idênticas condições. Aproveito a ocasião para mais uma vez agradecer publicamente ao INE a cedência da base de dados IFF-97 ao ICS.

Quadro n.º 2 - Idade de início da 1.ª conjugalidade segundo o grupo etário na actualidade, Portugal 1997 (% de mulheres)

Idade à 1.ª conjugalidade	Idade actual			
	15-24	25-34	35-49	Total
17 ou menos	4,2	10,4	9,8	8,0
18-19	5,5	16,6	17,8	13,3
20-24	6,0	35,8	45,4	29,2
25-29	0,0	15,4	13,4	9,6
30-34	0,0	1,6	4,3	2,0
35 ou mais	0,0	0,0	2,9	1,0
Sem conjugalidade	31,0	12,0	2,1	14,9
Ainda não teve relações sexuais	53,4	8,3	4,3	21,9
Total global	100,0	100,0	100,0	100,0

INE, Inquérito à Fecundidade e Família, 1997 – base de dados.

Quadro n.º 3 - Sexualidade activa e conjugalidade segundo o grupo etário, Portugal 1997 (% de mulheres)

Idade	Idade 1.ª rel. sexual igual à da 1.ª conjugalidade	Idade 1.ª rel. sexual inferior à da 1.ª conjugalidade	Já teve rel. sexual e não teve conjugalidade	Não teve rel. sexuais nem conjugalidade	Total
15 a 24 anos	5,1	10,5	31,0	53,4	100,0
25 a 34 anos	27,8	52,0	12,0	8,3	100,0
35 a 49 anos	52,4	41,3	2,1	4,3	100,0
Total de idades	28,7	34,4	14,9	21,9	100,0

INE, Inquérito à Fecundidade e Família, 1997 – base de dados.

Uma análise mais fina permite aprofundar a lógica desta diversidade. Por detrás dos resultados globais, escondem-se padrões diferentes de articulação entre os dois momentos que variam consoante a caracterização socio-familiar da inquirida; não são, por exemplo, indiferentes ao perfil da sua carreira escolar ou ao seu tipo de inserção no mercado de emprego.

No sub-grupo de mulheres para as quais as primeiras relações sexuais acontecem com o casamento (28%), encontram-se sobrerrepresentadas as franjas de inquiridas mais velhas (35-49 anos), os níveis de instrução mais baixos, as não-activas domésticas, as profissões desqualificadas (como “trabalhadora agrícola” ou “pequena empresária”); destacam-se, ainda, as mães de 2, 3 ou mais filhos, as mulheres que casaram mais cedo e que presentemente não usam contracepção ou recorrem a meios naturais pouco eficazes de controlo da fecundidade.

Um segundo sub-grupo (34%) corresponde às situações em que a sexualidade activa antecede a conjugalidade; estão aqui sobrerrepresentadas as adultas jovens (predominantemente na casa dos 25-34 anos), os níveis de instrução básicos, as activas, as profissões relativamente desqualificadas (como

“empregada dos serviços pessoais e domésticos”, “trabalhadora da indústria”); e, ainda, as mulheres que começam a viver em casal sobretudo a partir dos 24 anos, as mães de 1 filho.

Um terceiro perfil encaixa nas situações em que as mulheres são sexualmente activas mas nunca viveram em conjugalidade; associa-se a franjas particularmente favorecidas. Destacam-se as mais jovens e as mais instruídas (com relevo para as que frequentaram o ensino secundário ou possuem diplomas do superior), as estudantes, as profissões mais bem qualificadas (“técnica superior” ou “intermédia”, “empregada dos serviços económicos” ou do “comércio”), as mulheres sem filhos e as que usam mais precocemente contraceção.

Por último, o sub-grupo das mulheres que não tiveram, até ao momento do *Inquérito*, relações sexuais; é uma situação que apenas assume uma presença expressiva entre as inquiridas com idade compreendida entre os 15-24 anos.

Feito o retrato sociográfico a partir de indicadores estatísticos muito sumários, é interessante agora abordar o mesmo objecto a partir de um olhar qualitativo e em profundidade...

Representações e práticas: desencontros e cumplicidades...

O jogo entre os dois momentos, primeiras relações sexuais e entrada na conjugalidade, foi também abordado em entrevistas a 150 mulheres portuguesas em idade fértil, residentes em distintas regiões do País, com diferentes idades e pertenças geracionais, estados civis, níveis de escolaridade e actividades profissionais.⁵

Pode dizer-se que os seus discursos oscilam entre a representação do casamento como quadro único e legítimo da iniciação sexual feminina – típica das gerações mais velhas e das franjas menos instruídas de entrevistadas – e uma representação da sexualidade que vale por si mesma, para homens ou mulheres, e se autonomiza da instituição casamento ou da conjugalidade (no sentido de casal co-residente) – típica das mais jovens e mais instruídas. O desfazimento entre as representações e as práticas é outro traço que caracteriza os percursos das primeiras: a evocação da norma (casar virgem) é, na esmagadora maioria dos casos, desmentida pelas experiências individuais concretas. Já nos discursos das mais novas se dá visibilidade aos comportamentos de dissociação entre os dois momentos, o da iniciação sexual e o da entrada no casamento; as suas biografias indiciam, de resto, que este movimento de dissociação alastra a outros campos da vida familiar – em alguns casos, a conjugalidade desencontra-se do casamento, em quase todos a maternidade descola da sexualidade e em outros, ainda, a procriação dissocia-se da conjugalidade.

Podemos assim distinguir duas modalidades de autonomização das duas esferas que nos remetem para temporalidades diferentes que se cruzam no Portugal contemporâneo, facto que leva de resto alguns autores a evocar, a

⁵ O guião de entrevista focava sucessivamente vários aspectos e dimensões dos percursos de saúde reprodutiva das entrevistadas, considerando-se para cada um deles práticas e contextos, representações e ideais, falas e saberes (cf. *op.cit.*, supra). O trabalho de campo decorreu durante o ano de 1999.

propósito destes díspares sinais de mudança, a realidade de uma “modernidade inacabada” (Viegas e Costa 1998). Na esteira de comportamentos populares tradicionais, um primeiro tipo de desencontro entre sexualidade e casamento caracteriza um padrão típico das actuais gerações mais velhas de mulheres, os meios sociais muito desfavorecidos. Algumas histórias de vida que reconstruímos permitem ilustrar os seus contornos.

Marília tem 37 anos, é natural de Vieira do Minho e reside em Viseu. Possui o 3.º ano de escolaridade, é empregada doméstica, está casada e tem 2 filhos (de 14 e 10 anos). Nunca conheceu o pai, que abandonou a mãe (analfabeta, trabalhadora agrícola), ainda antes do seu nascimento. Por volta dos 20 anos, em namoro, Marília tem a primeira relação sexual “*com ele*”, “*à beira de um tanque*”. O namorado (hoje o marido, um servente de pedreiro com a 3.ª classe) faz então coito interrompido:

“ele não usava nada, mas simplesmente quando estivesse, portanto para ter a vida sexual mesmo coiso, portanto ele diz que não deixava ir nada para dentro”. E insiste “eu disse-lhe que não queria fazer, a gente já namorava e andávamos para casar e tal, e eu tinha medo de engravidar, portanto não deixava ir nada para dentro”.

Júlia nasce em 1950 numa freguesia rural de Viseu, onde ainda hoje reside com o marido e 3 dos seus 4 filhos (“a mais velha já casou”). Possui a 4.ª classe, é uma “doméstica” que trata das suas próprias terras e animais. Está casada há 29 anos com o seu primeiro e único namorado. Cresce numa família de pais agricultores, sem grau de instrução mas que sabiam “ler e escrever. Trabalha no campo desde criança, “está claro”.” Tem 4 irmãos e foi criada dentro dos princípios católicos: “todos os dias rezávamos o terço. O meu pai não nos deixava ir para a cama sem que rezássemos o terço, juntamente com eles (...) fiz primeira comunhão, fiz o crisma, fiz aquelas comunhões que eram dadas, tudo, tudo, tudo. Fiz tudo o que estava dentro da lei”.

Tem a primeira relação sexual em namoro, não protegida, e engravida pouco tempo antes do casamento. Acrescenta com malícia: “estava descansada, vou-me casar daqui a dias, também...”. Casa assim na Igreja da terra aos 20 anos e o seu primeiro filho nasce 7 meses mais tarde.

Elisa tem 46 anos, a 4.ª classe, nasceu e reside em Gaia, com o marido (motorista de camião) e 4 filhos (2 rapazes e 2 raparigas). Deixa a escola após a conclusão da instrução primária. Começa a trabalhar aos 12 anos, numa fábrica de casacos, “na máquina”, para ajudar os pais (ele motorista, ela florista) e os 5 irmãos. Dos 14 e até aos 17-18 anos, arranja emprego como empregada de balcão; começa depois a trabalhar num “salão de cabeleireira”. Aos 18 anos, cerca de um ano após o início de um namoro, Elisa tem a primeira relação sexual, supostamente protegida (com “cuidado (...) quando chegou ao ponto de ele se realizar, tirou fora”), “num recinto, fim de um prédio... lá perto da nossa casa”. Para evitar problemas, nas seguintes o noivo decide comprar e usar preservativo. Mas aos 21 anos, solteira, Elisa engravida “de propósito”, na sequência de umas “cenas de ciúmes” entre namorados: “e então eu própria é que me deixei engravidar... e eu disse: ‘é para te mostrar o meu amor por ti’”. Casam na igreja “logo em seguida, para não se notar muito

a barriguinha, porque eu estava de 2 meses de gravidez. Não se notava muito. Levava um vestidinho branco a arrastar, fui muito bonita e tudo!”.

Nestes três exemplos, podemos notar que a primeira relação tem lugar fora do casamento, no noivado, mas está plenamente integrada no projecto de institucionalização da conjugalidade – precede-a de algum tempo ou mesmo apressa-a. No tempo, verifica-se aliás que o primeiro parceiro sexual, actual marido, é o único que a entrevistada vem a conhecer. No discurso, é sublinhado o seu carácter “*acidental*”: a relação é qualquer coisa que “*acontece*” e nela o homem destaca-se por assumir o papel activo na criação da situação, por contraste com o estatuto da mulher-noiva, representada como sujeito passivo dessa primeira transgressão – mesmo que na prática nem sempre tal aconteça (veja-se o caso de Elisa!). É o homem também que sabe como evitar a gravidez e que recorre a métodos muito falíveis e naturais de controlo dos nascimentos – coito interrompido, contagem dos dias férteis. Por isso, muitas noivas casam grávidas, o que resulta numa aproximação precoce e muito estreita no tempo (não raro na adolescência) de distintas etapas familiares; o noivado, a primeira relação, o casamento e a maternidade acontecem quase em simultâneo. É um processo que afinal conduz ao reforço do investimento feminino no universo familiar e o seu vínculo à esfera doméstica.

Nas gerações mais novas de mulheres, entre as classes mais favorecidas, a regra e o discurso parecem ter mudado. A sexualidade activa é agora explicitamente associada ao namoro, a um compromisso afectivo e recíproco informal que se constrói numa relação a dois, igualitária. É uma escolha pensada, assumida e planeada pela mulher e pelo casal; não raro, e para evitar os riscos de uma gravidez indesejada ou de contágio de IST, é eficazmente protegida pelo recurso ao preservativo. Nas biografias individuais, diversificam-se as experiências e os parceiros. Por outro lado, as representações tendem a coincidir com as práticas: a experiência sexual não é ocultada pelo discurso nem contrariada pela invocação de uma norma genérica que a proscreeve.

Entre as franjas protagonistas deste novo padrão, encontramos tipicamente estudantes universitárias ou recém-licenciadas, jovens adultas activas (na casa dos 30 anos) das profissões mais qualificadas, ou activas em sectores intermédios dos serviços, com níveis de ensino básico ou secundário. Eis quatro exemplos que ilustram esta outra modalidade de desencontro entre sexualidade activa e casamento...

Natural do Porto, onde reside, Dulce tem 31 anos e é arquitecta por conta própria. O pai, com a 4.^a classe, é reformado de motorista; a mãe, doméstica, possui o mesmo nível de ensino. Recebe em criança uma educação religiosa (em casa iam à missa, rezavam às refeições, Dulce fez o crisma), mas hoje em dia deixou de a praticar. Aos 18 anos tem a primeira relação sexual, em namoro. “*Pensa*” não ter sido protegida – “*acho que foi um bocado arriscado*”; a partir daí, e durante os 6 anos seguintes, passa a usar preservativo:

“digamos que na primeira pessoa com quem eu tive (que não foi só uma vez, foram várias) usámos sempre o preservativo (...) ainda nos considerávamos muito novos, não nos fomos preocupando com mais nada... o preservativo tem a vantagem de, numa situação em que seja mais casual...”

Mantém a mesma prática com outros parceiros (“*tive alguns...*”) e mais recentemente passa para a pílula, por indicação médica e num outro cenário afectivo:

“depois mais tarde, quando comecei a ter uma relação mais estável com outra pessoa, nesse caso já usei a pílula”.

Faz regularmente vigilância médica. Desde os 29 anos que reside sozinha, “*porque precisava do meu espaço*” e acrescenta:

“é assim... eu não ponho essa hipótese (de constituir família) de lado, mas vejo cada vez mais difícil, vejo essas hipóteses cada vez mais remotas (...) eu tenho as minhas irmãs que são casadas, as duas, uma com filhos, outra neste momento ainda sem filhos, gosto quando estou com eles, gosto do ambiente, de estar com as crianças, mas não me estou a ver a mim numa vida assim (...) Pelo menos não me sinto preparada! Se calhar, se me apaixonar, se sentir essa necessidade... mas neste momento não sinto”.

Filipa estuda direito na Universidade de Lisboa, cidade onde presentemente vive numa residência de estudantes. Nasce em Rio Maior (Santarém) há 22 anos. Passa a infância com os pais (ele vendedor de tintas, com o 9.º ano, a mãe, que faz tapetes em casa, com o 6.º ano). Após a sua separação, aos 14 anos, muda-se com a irmã para casa dos avós maternos. Admite:

“tive uma infância um bocado atribulada, os meus pais não eram propriamente os melhores pais do mundo, mas... (...) hoje já cresci mais um bocadinho e acho que foi realmente a melhor opção ficar com a minha avó”.

É baptizada, faz a primeira comunhão mas “*nunca houve assim nada de irmos à missa*”. Quanto à primeira relação, acontece aos 18 anos, com o actual namorado, “*cerca de 1 ano e tal, 2 anos depois de ter começado o namoro*”. É protegida por preservativo:

porque era mais adequado para a altura, por uma questão... já nos conhecíamos há algum tempo, mas pronto... quase todos os namoros começam com o uso do preservativo (...) foram coisas minimamente planeadas e acabam por acontecer, uma pessoa torna-se cada vez mais íntima, é normal”. Depois, “passado muito pouco tempo, fomos então a um ginecologista e receitou-se a pílula, porque já namorávamos há já algum tempo e achámos que era um método mais eficaz e mais seguro”.

Com 22 anos, Ana Isabel, lisboeta a residir na Amadora, é finalista de um curso de Gestão de Empresas numa universidade privada. Tem a primeira relação aos 17 anos, com o actual namorado, nas férias:

“Eu já estava preparada, eu estava preparada e psicologicamente...fisicamente...estava preparada, já o conhecia há muito tempo, já tinha uma relação espectacular com ele (...)”.

Carina, natural do Porto, com 8 anos, é estudante-trabalhadora: está a acabar o 9.º ano e é vendedora de fruta num supermercado em Nevogilde. Tem a primeira relação actual namorado, aos 16 anos:

“*nós já andávamos a falar nisso há algum tempo. Já namorávamos há 2 anos, por isso, já, já falávamos*”; foi uma relação protegida (da gravidez), já que Carina tomava a pílula. “*De vez em quando, usámos preservativo*”.

Notamos como esta modalidade de desencontro, ao contrário da anterior, tende a adiar no tempo os momentos “puros e duros” da integração doméstica feminina: a co-residência e a casa, a maternidade e os filhos. Insere-se de resto num processo que reforça e é um produto de um universo de representações onde se vislumbram, para a mulher, campos paralelos de realização individual, jogos de escolhas e desempenhos (em simultâneos ou alternados) em diferentes tabuleiros – o escolar e o profissional, o conjugal, o doméstico, o maternal.

Em suma e para concluir...

É crescente e cada vez mais fortemente expressiva a descoincidência entre sexualidade activa e casamento (ou mesmo conjugalidade). Em si mesma, esta dissociação não é um facto novo. A novidade reside, primeiro, no facto da sua incidência ser hoje maioritária na população feminina portuguesa em idade fértil e, depois, nas representações que actualmente lhe estão associadas. As relações sexuais deixaram de ser representadas como acidentes de um destino naturalmente desigual entre géneros, que acontecem no quadro de um noivado conducente a um casamento que ainda não se realizou, mas que prontamente vem normalizar a transgressão feminina e vincula precocemente a mulher a um novo território doméstico e familiar. Pelo contrário, são hoje uma componente assumida do namoro, entendido como compromisso afectivo, recíproco e informal construído a dois – relativamente desligadas da instituição casamento ou da integração doméstica.

A dissociação entre os dois momentos, cada vez mais prolongada no tempo, ilustra um processo mais amplo de fragmentação do território familiar. É uma parte de um todo. Um todo cuja representação (que tem ao centro a prioridade dos afectos, o compromisso privado e o indivíduo) se diferencia e desmultiplica num conjunto de territórios vizinhos, não necessariamente coincidentes, através dos quais se desenham os percursos individuais, dentro e fora da família.

Bibliografia

Almeida, A. Nunes de, André, I. M. e Lalanda, P. (2002), “Novos padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal”. *Análise Social*, n.º 163: 371-411.

Almeida, A. Nunes de (2003), “Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis”. In J. Vala, M. Villaverde Cabral e Alice Ramos (orgs). *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 50-98.

Almeida, A. Nunes de (coord.), André, Isabel M., Lalanda, Piedade e Vilar, Duarte (2003), *Fecundidade e contraceção – percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas*. Lisboa: ICS, (no prelo).

Ariès, Ph. (1973), “L’enfant et la vie familiale sous l’Ancien Régime”. Paris: Seuil.

Bozon, M. (2002) *Sociologie de la sexualité*. Paris: Nathan.

Ferreira, P. Moura e Aboim, S. (2002), “Modernidade, laços conjugais e fecundidade: a evolução recente dos nascimentos fora do casamento”. *Análise Social*, n.º 163: 411-446.

Giddens, A. (1996), *Transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora.

Instituto Nacional de Estatística. 2001. Inquérito à Fecundidade e Família. Resultados Definitivos. Lisboa: INE.

Kaufmann, J.-Cl. (1993), *Sociologie du couple*. Paris: PUF.

Shorter, E. (1977), *Naissance de la famille moderne*. Paris: Seuil.

Singly, F. de (1996), *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Nathan.

Singly, F. de (2000), *Libres ensemble. L’individualisme dans la vie commune*. Paris: Nathan.

Stone, L. (1979), *The family, sex and marriage in England, 1500-1800*. Nova Iorque: Colophon Books.

Torres, A. (2001), *Sociologia do casamento*. Oeiras: Celta Editora.

Vasconcelos, P. (1998), “Vida familiar”. In J. Machado Pais (ed.). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa: ICS, 321-404.

Viegas, J. M. Leite e Costa, A. Firmino da (orgs.) (1998), *Portugal – que modernidade?* Oeiras: Celta Editora.

Vilar, Duarte (2003), *Falar disso – A educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto: Afrontamento.